Dia 28 — São Sisto, Papa

São Sisto, papa, terceiro deste nome, foi romano; nasceu para o fim do século quarto. O zelo com que combateu as heresias de seu tempo, quando não era ainda mais que presbítero, e a honra de ser elevado ao sacerdócio num tempo em que somente se ascendia a esta alta dignidade pelos méritos de uma notória virtude acreditam a que já tinha quando jovem e os progressos que havia feito na ciência dos santos.

Conhecendo os pelagianos quanta honra aumentaria a seu partido o nome só do presbítero Sisto, se chegasse a publicar-se que seguia seus erros, ousaram vangloriar-se, com aquele descaramento em mentir que é tão comum nos sectários, de que o tinham por protetor e como por chefe de sua doutrina. Entendeu-o nosso santo e desenganou logo o público. Não somente anatematizou o pelagianismo em presença de todo o povo, mas refutou solidamente em suas epístolas os dogmas daqueles hereges; e, com o terror das leis imperiais que solicitou, estreitou a muitos deles a abjurar seus erros. Acompanhou a carta do papa Zósimo sobre a condenação de Pelágio com uma carta a Aurélio de Cartago e com outra a Santo Agostinho. Este santo doutor escreveu-lhe duas sobre o mesmo assunto, congratulando-o pelo zelo que mostrara contra os pelagianos.

«Não podemos explicar-vos, diz-lhe na primeira, o gozo que nos causou vossa carta. Não me contentei com ler a que escrevestes ao santo bispo Aurélio, mas fiz tirar muitas cópias dela, para que, feita pública, fossem notórios a todos vossos piedosos ditames sobre esses perniciosos dogmas, que tendem a aniquilar a divina graça que concede Deus aos grandes e aos pequenos. Com ainda maior satisfação li o excelente livro que compusestes em defesa da graça de Jesus Cristo, e faço quanto posso para que o leia todo o mundo. Porque pode haver leitura mais grata que uma defesa tão pura da graça de Deus contra seus declarados inimigos, e isto pela mesma boca daquele a quem eles proclamavam como seu protetor e corifeu? *Ex ore ejus, qui eorumdem inimicorum magni momenti patronus antea jactabatur.*» Na segunda carta, dá Santo Agostinho os parabéns a São Sisto por haver sido o primeiro que condenou publicamente os erros de Pelágio, quando todavia não era mais que presbítero.

Morto o papa São Celestino, creu-se que não podia assinalar-lhe-se mais digno sucessor que o nosso Sisto. E assim foi elevado ao pontificado no dia 26 de abril do ano 432, com aplauso tão geral do clero e povo que mal havia memória de outro igual.

Logo que se viu na sé de São Pedro, dedicou todos os seus desvelos a extirpar as perniciosas heresias que, não obstante estar ainda como no berço, faziam gemer toda a Igreja.

No ano de 430 havia sido condenado em Roma por São Celestino o ímpio heresiarca Nestório, e no ano 431 o havia sido em Éfeso pelo concílio geral, que, depondo-o de sua sé, desterrou-o ao mosteiro de Santo Eufrépio em Antioquia. Compadecido São Sisto, como bom pastor, daquela ovelha doente e desgarrada, procurou curá-la e reduzi-la ao aprisco da fé; mas tão inutilmente que aquele infeliz heresiarca e seus parciais, abusando da doçura e da benignidade com que o santo

lhe havia escrito, tiveram alento para publicar que não lhes era contrário. Logo se desenganou o público desta grosseira calúnia; porque, depois que João de Antioquia abandonou o partido de Nestório, São Sisto escreveu a este e a São Cirilo cartas de congratulação, exortando-os a trabalhar na conversão dos hereges e a receber com caridade os que de boa-fé se reunissem ao grêmio da religião, mas que se mostrassem severos e inexoráveis com os que perseverassem teimosos em seus erros. Foi sem dúvida depois destas cartas do santo pontífice que, obstinando-se o infeliz Nestório em sua impiedade, foi tirado de seu mosteiro e enviado a desterro, onde morreu desgraçadamente sem sinal algum de arrependimento. Diz-se que antes de morrer se lhe encheu a língua de asquerosíssimos vermes, os quais a despedaçavam, em castigo sem dúvida das blasfêmias que havia vomitado contra a santíssima Virgem, a quem nunca quis chamar mãe de Deus.

Sendo nosso santo inimigo tão declarado dos hereges, não era possível que estivesse a coberto de suas costumadas calúnias. Até então somente se haviam atrevido a desacreditar sua doutrina; agora chegou a desvergonha até atacar a pureza de seus costumes. Um miserável chamado Basso, pessoa de qualidade, mas quase sem religião, acusou Sisto de certo delito enorme. A acusação feita pública pareceu tão atroz, e o ruído que fez causou tal escândalo, que creu o imperador Valentiniano ser necessário convocar um concílio onde fosse juridicamente declarada a inocência do santo pontífice e reparada solenemente sua honra. Reuniu-se um concílio composto de cinquenta e seis bispos; examinou-se a causa, fez-se patente a inocência de Sisto, e o caluniador foi condenado por sentença eclesiástica e canonicamente excomungado. Indignaram-se tanto contra ele, assim o imperador como sua mãe a imperatriz Placídia, que, depois de havê-lo desterrado, confiscaram todos os seus bens em benefício da Igreja. Três meses depois morreu Basso com sinais de grande arrependimento; e o caritativo Sisto o assistiu com grande amor em sua última enfermidade, absolveu-o da excomunhão, administrou-lhe o santo viático e com suas próprias mãos deu-lhe eclesiástica sepultura.

Não é fácil explicar o ardor e o ativo zelo com que o vigilante pontífice se aplicou a sufocar todas essas perniciosas novidades, a ressuscitar na Igreja o primitivo fervor e a renovar o vigor da disciplina eclesiástica. A igreja de Ravena lhe deve a ventura de haver logrado por bispo São Pedro Crisólogo, cuja virtude conheceu nosso santo por divina revelação.

Desejando com ânsia ambiciosa Juliano de Eclano, famoso pelagiano, ser restituído a sua sé episcopal, de que havia sido justissimamente deposto e despojado, fingindo-se convertido, valeu-se de todo gênero de artifícios para persuadi-lo a São Sisto; mas, descobrindo o santo por entre aquelas belas exterioridades a malignidade daquele herege embusteiro e dissimulado, manteve-se sempre inflexível.

A solicitude pastoral com que atendia a todas as necessidades da Igreja e os imensos afãs que se dava para prover a tudo não lhe impediram ocupar-se em pormenores de magnificência e liberalidade em favor das igrejas de Roma; o que prova quão grande era seu gênio e quão eminente sua piedade.

Pela terna devoção que professava à santíssima Virgem, moveu-se a reparar a antiga basílica de Libério, consagrada à Mãe de Deus, e que se chamou desde então Santa Maria Maior. Enriqueceu-a

com um altar de prata maciça, com grande número de cálices, de candelabros, de incensórios, de coroas e de outros vasos de ouro e prata de subidíssimo preço, e dotou-a com uma renda perpétua de setecentos e vinte e nove soldos de ouro anuais. Deu ao batistério de Santa Maria todos os vasos de prata necessários. À igreja de São Pedro presenteou um ornamento de prata de peso de quatrocentas libras. Na de São Lourenço ergueu colunas de pórfiro e de prata, adornando-a com uma primorosa balaustrada e com uma estátua do santo de muito custo. Enfim, são poucas as igrejas antigas de Roma onde não se conservem grandes monumentos da munificência deste grande pontífice; o qual, depois de haver governado com prudência consumada a sé de São Pedro por cerca de oito anos, edificando a Igreja com suas heroicas virtudes, com seu vasto e fervoroso zelo, sendo tão odiado dos hereges como venerado e amado dos católicos, morreu em Roma no ano 440. Foi enterrado seu santo corpo na catacumba de São Lourenço, sobre o caminho de Tívoli, e teve por sucessor no pontificado São Leão Magno, que havia sido como discípulo seu.

Martirológio Romano

Em Cesareia da Palestina, o trânsito dos santos mártires Prisco, Malco e Alexandre, os quais, na perseguição de Valeriano, vivendo num arrabalde daquela cidade e vendo que nela podiam lograr a coroa do martírio, inflamados por Deus em zelo da fé, de seu próprio grado se apresentaram ao juiz, repreendendo-o valorosamente pela crueldade com que tratava os cristãos; pelo que o juiz mandou que imediatamente os lançassem às feras para que os devorassem.

Em Tarso, na Cilícia, os santos mártires Castor e Doroteu.

Na África, os santos mártires Rogato, Sucesso e outros dezesseis.

Em Roma, São Sisto III, papa e confessor.

Em Núrsia, Santo Espes, abade, homem de maravilhosa paciência, cuja alma, quando expirou, viram todos os monges subir ao céu em figura de pomba.

Em Chalon, na França, a morte de São Gontrão, rei da França, o qual se entregou com tal fervor aos exercícios de piedade que, renunciando as pompas do século, distribuiu todos os seus tesouros à igreja e aos pobres.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Sixti confessoris tui atque pontificis veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat, et salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Rogamo-vos, ó Deus onipotente, que nesta venerável solenidade de vosso confessor e pontífice São Sisto aumenteis em nós a devoção e o desejo de nossa salvação. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 6 da primeira do apóstolo São Paulo a Timóteo.

1 Timóteo 6,7-10

> **Latim:** 7 Nihil enim intulimus in hunc mundum : haud dubium quod nec auferre quid possumus. 8 Habentes autem alimenta, et quibus tegamur, his contenti simus. 9 Nam qui volunt divites fieri, incidunt in tentationem, et in laqueum diaboli, et desideria multa inutilia, et nociva, quæ mergunt homines in interitum et perditionem. 10 Radix enim omnium malorum est cupiditas : quam quidam appetentes erraverunt a fide, et inseruerunt se doloribus multis.

Português: 7 Porque nada trouxemos para este mundo: e he sem dúvida que não podemos levar nada d'elle. 8 Tendo pois com que nos sustentarmos, e com que nos cobrirmos, contentemo-nos com isto. 9 Porque os que querem fazer-se ricos cahem na tentação, e no laço do diabo, e em muitos desejos inuteis, e perniciosos, que submergem os homens no abysmo da morte, e da perdição. 10 Porque a raiz de todos os males he a avareza: a qual cubicando alguns se desencaminharão da fé, e se enredarão em muitas dores.

Nota

«Ao partir-se o apóstolo São Paulo para a Macedônia, deixou seu discípulo Timóteo em Éfeso, metrópole da Ásia Menor, para que cuidasse daquela igreja, com ânimo de voltar logo a juntar-se com ele. Mas, tendo sabido que alguns falsos mestres começavam a turbar aquela cristandade, semeando nela vários erros, escreveu-lhe sem perder tempo esta epístola para deter a torrente das doutrinas perniciosas.»

Reflexões

Habentes autem alimenta, et quibus tegamur, his contenti sumus: tendo com que sustentar-nos e com que cobrir nossa nudez, estamos contentes. Quão poucos são os que tomam gosto a esta linguagem do Apóstolo! A quão poucos acomoda esta doutrina! Há muito tempo que o cobiçoso anseio das riquezas enche o mundo de infelizes; de quantas inquietudes, de quantos trabalhos é origem a cobiça! Todos querem viver ricos, e isso com a certeza de que todos hão de morrer pobres; porque, que é o que se leva ao sepulcro?

Coisa estranha! Raros são os que estão contentes com sua sorte. O que está muito elevado ainda quer subir mais. Não há no mundo condição que mais cedo ou mais tarde não canse, não enfastie; a mediana não satisfaz, a opulenta desassossega. Crescem conosco nossos desejos; quanto mais se os alimenta, mais famintos, mais insaciáveis se mostram. É nossa vida uma interminável cadeia de néscias inquietudes; e de ordinário é nosso coração o maior inimigo de nosso sossego. Isto convence claramente do vazio dos bens criados. Quando há de chegar o caso de que aprendamos a ter juízo, ensinados por nossa própria experiência?

Os bens terrenos só têm atrativo quando não se possuem; possuindo-se, logo enfastiam. Faça-se no mundo a fortuna que se queira: só se pensa na que resta por fazer. Se saem desgraçadas as pretensões, irritam-se os desejos; se saem prósperas, acendem-se: tanta verdade é que nossa ambição é nosso maior tirano.

Quer-se fazer fortuna no mundo; mas isto, quantos desvelos, quantas fadigas, quantas pesadumbres custa! É mister abrir caminho por meio de um montão de dificuldades, de um tropel de invejosos e de concorrentes. Pretende-se ascender pela gloriosa carreira das armas; mas para isto, quantos trabalhos, quantos perigos, quantos sustos mortais se hão de padecer! E ao fim, qual é o fruto de tantas fadigas? Corresponde o prêmio ao trabalho? Essa fortuna vale porventura o que custa? Subiu-se ao cabo um degrau; é mister descansar nele muito tempo antes de passar a outro. O prêmio caminha sempre com passos preguiçosos, regularmente chega tarde; e quantas vezes chega a morte antes que ele chegue!

Mas demos que sopre tão favoravelmente o vento da fortuna que cheguem logo os ascensos. Estará por isso contente, dar-se-á por satisfeito o coração? Ah, que a ambição e a cobiça crescem mais quanto mais logram! O que se vê sobre um elevado monte descobre dele muito terreno e, esquecido do que andou e do que subiu, só pensa no termo aonde aspira chegar. Ó bom Deus, e quão caro custa no mundo o direito a um triste prêmio! E quantas vezes todo o prêmio fica puramente no direito e no mérito! Quantos se veem arrojados fora do caminho da fortuna mal põem o pé nele! Mas chegue-se em boa hora ao termo; este se reduz a um novo emprego, a um pouco mais de renda, a qual já vem tão tarde que mal há tempo de gozá-la.

Será recompensa muito sólida, será prêmio real e que satisfaça o achar seu nome na gazeta, o fazer ruído no mundo por alguns dias, o ocupar honroso lugar na história de seu tempo? Porque, que outra coisa nos ficou de todos os heróis dos passados séculos? *Periit memoria eorum cum*

sonitu [^1]. Dignidades, empregos, distinções, tesouros, grandezas mundanas, tudo nos abandona ao ir tomar posse do sepulcro. Na verdade, servir com fidelidade, com zelo a seu soberano é mérito, ou pode sê-lo diante de Deus; pode um ser santo no exército como em qualquer outra parte: mas, se nenhuma parte tem Deus em nossos trabalhos, podemos esperar que no-los premie? Sempre que se trabalha pela salvação, faz-se fortuna; mas nunca se faz quando não se trabalha por ela. Tenhamos continuamente na memória e na consideração este oráculo: Nada trouxemos a este mundo, e nada havemos de tirar dele. Bom Deus, que remédio tão eficaz para curar a ambição e a cobiça seria esta verdade bem penetrada!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 20 de São Mateus, o mesmo do dia 27.

Mateus 20,18-19

> **Latim:** [18] Ecce ascendimus Jerosolymam, et Filius hominis tradetur principibus sacerdotum, et scribis, et condemnabunt eum morte, [19] et tradent eum gentibus ad illudendum, et flagellandum, et crucifigendum, et tertia die resurget.

Português: [18] Eis-aqui vamos para Jerusalem, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, que o condennará á morte, [19] e entregallo-hão aos Gentios para ser escarnecido, e açoitado, e crucificado, mas ao terceiro dia resurgirá.

Meditação

Do pouco caso que se deve fazer dos desprezos do mundo

Primeiro ponto

Considera que, havendo os sequazes do mundo tratado mal a Jesus Cristo, seus maus-tratos são preciosos e servem de muita honra aos bons. Nada honra tanto os discípulos de Cristo como ter parte nos opróbrios de seu divino Mestre. Sabei, dizia-lhes o mesmo Salvador, que, se alguém vos aborrece, primeiro me aborreceu a mim. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que é seu; mas, porque eu vos escolhi do meio dele, por isso vos aborrece. Lembrai-vos do que vos disse: o servo não é maior que seu amo; se me perseguiram a mim, também vos perseguirão a vós. Parece-me que isto é bastante, que é sobejo, não só para consolar, mas para indenizar e até para recompensar com vantagens os que o mundo despreza. Nenhuma coisa deveria parecer mais

injuriosa, mais ignominiosa a um cristão que ser estimado, honrado e aplaudido por aquele mundo que aborreceu, desprezou e perseguiu Jesus Cristo; por aquele mundo que incessantemente está opondo-se a seu espírito e a sua doutrina. E que haverá que temer de um mundo cujas ameaças todas são vãs? Porque, em suma, que dano nos pode fazer a má vontade que nos professa? Mas ainda são muito mais frívolas suas promessas. Será capaz o mundo de fazer-nos felizes ou infelizes um só momento? Seus sequazes, que são ao mesmo tempo seus escravos, merecem ser cridos nesta parte: há sequer um que não esteja queixoso deste imaginado dono, que não confesse que é grande loucura servi-lo, gastando a saúde e perdendo a vida em serviço de um tirano de quem ao cabo só se tira amargura, dor e cruel arrependimento por havê-lo servido? Com tudo isso o temem, obedecem-lhe, condescendem com seus caprichos: ó loucura dos homens!

Segundo ponto

Considera que coisa pode o mundo achar que repreender num homem virtuoso, num verdadeiro cristão que serve a seu Deus com pontualidade e antepõe o serviço de Deus ao serviço do mundo. Censura-o de que obedece cegamente a lei do soberano Dono do universo; de que foge de todas aquelas diversões em que corre perigo de padecer funesto naufrágio a inocência; censura-o de que se retira de todos os espetáculos profanos, de que se escusa de todo banquete licencioso, de que é reto, sincero, regular, humilde, modesto, amigo fiel, pronto a perdoar por amor de Jesus Cristo as mais atrozes injúrias; censura-o de que com muito juízo e prudência prefere a doutrina de Cristo às insensatas e perniciosas máximas do mundo; em suma, nota-o e imputa-lhe o fazer em vida o que à hora da morte o encheria de desesperação se o não houvesse feito. Esta é a matéria das queixas do mundo e estes os motivos de suas imaginárias desgraças. Um homem de juízo, um homem de bem e um bom cristão deverá fazer muito caso de tão injustos desprezos? Nenhuma coisa honra tanto um verdadeiro cristão, nenhuma acredita mais sua retidão, sua bondade e seu bom entendimento como o ridículo desprezo que faz o mundo deste sólido e verdadeiro mérito. E em vista disto, será razão temer o que poderá dizer o mundo? Será razão fazer-se eternamente infeliz e condenar-se pelo néscio medo de não merecer a aprovação e a benevolência do mundo?

Ah, Senhor, demasiadamente fui até aqui o joguete e a burla de minhas vãs ilusões neste importantíssimo ponto! Mas confio em vossa misericórdia infinita que me fareis a graça de que me ria daqui em diante do menosprezo de um fantasmão de amo imaginário e que zombe dele em lugar de que ele zombe de mim.

Jaculatórias

> *Filii hominum, usquequo diligitis vanitatem et quæritis mendacium?* Sl 4.

Filhos dos homens, até quando haveis de amar a vaidade e correr atrás da mentira?

>

> *Vanitas vanitatum, et omnia vanitas.* Ecl 1.

Vaidade das vaidades, e tudo vaidade.

Propósitos

1. É coisa bem estranha que todos convenham em que o mundo é um embusteiro e que tantos se fiem dele. Têm-se contínuas experiências de que só sabe fazer desditosos; e com tudo isso todos se apressam, todos se esfalfam por entrar em seu serviço. Acaba de desenganar-te de uma vez para sempre deste inimigo de nossa quietude e de nossa salvação; mas não fique o desengano em mera especulação, reduze-o à prática. Foge das grandes reuniões do mundo; e, quando a necessidade te obrigue a assistir a elas, seja sempre com precaução, como quem entra em país inimigo. Retira-te das reuniões mundanas, daquelas perigosas diversões em que a profanidade faz ostentação do mais enganoso que tem; e, por mais instâncias que te façam, não assistas a elas enquanto não estiveres bem persuadido de que não sentirias que te colhesse a morte em meio desses espetáculos.

2. A ninguém faltam saídas e razões para escusar-se de entrar num negócio que prevê que não lhe há de convir. Pois vale-te das mesmas para negar-te aos saraus, aos banquetes, às festas profanas, em que a razão, a religião e a experiência te ensinam que sempre padeces consideráveis perdas. Não te deixes arrastar para o precipício por uma má vergonha, por um ridículo respeito humano. Não digas: Eu estarei prevenido; e tem presente na memória aquele oráculo infalível: Quem ama o perigo perecerá nele.

[^1]: Sl 9,7.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:28 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:28 by Admin